

## **“OS ENCANTADO NOS MANDÔ, VIEMO AQUI FAZER LIMPEZA”: PRÁTICAS DE CURA E ENCANTARIA ENTRE OS ÍNDIOS TREMEMBÉ E O CUIDADO DE SI**

ARLIENE STEPHANIE MENEZES PEREIRA<sup>1</sup>, KALINE LÍGIA ESTEVAM DE CARVALHO PESSOA<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

<stephanie\_ce@hotmail.com>, <stephanie.ce@gmail.com>

DOI: 10.21439/conexoes.v13i5.1791

**Resumo.** O povo indígena Tremembé reside atualmente em 3 municípios da costa oeste do estado do Ceará, sendo o foco desta pesquisa é com os índios residentes do município de Itarema. O trabalho traz uma descrição sobre os processos curativos e de encantaria entre os índios Tremembé, fazendo-se um paralelo com o primeiro momento do cuidado de si de Michel Foucault (2010;1985). Objetivamos que este trabalho possa dar sustentação e abrir horizontes de compreensão sobre os significados simbólicos acerca do conceito de cuidado de si entre os indígenas. A pesquisa baseou-se na metodologia etnográfica, sendo realizada entre os anos de 2009 a 2018, recolhendo relatos e presenciando experiências. Descreve-se essas práticas elucidando-as através de rituais, mitos, bebidas, rezas, cânticos, plantas medicinais e práticas realizadas pelos Pajés, bem como, acerca do ritual do Torém e da bebida feita a partir do caju azedo (o mocororó). Neste contexto, as práticas espirituais, curativas e de encantaria mantém uma íntima relação com o cuidado de si, sendo dotadas de significados simbólicos e implicando-se como formas próprias de se constituírem.

**Palavras-chave:** Cuidado de si. Índios Tremembé. Práticas curativas. Encantados.

## **“OS ENCANTADO NOS MANDÔ, VIEMO AQUI FAZER LIMPEZA”: HEALING PRACTICES AND ENCHANTING BETWEEN THE INDIANS AND THE CARE OF YOURSELF**

**Abstract.** The Tremembé indigenous people currently reside in 3 municipalities of the west coast of the state of Ceará, and the focus of this research is with the resident Indians of the municipality of Itarema. The paper describes the healing and enchanting processes among the Tremembé Indians, drawing a parallel with the first moment of self-care by Michel Foucault (2010; 1985). We aim that this work can support and open horizons of understanding about the symbolic meanings about the concept of self-care among the indigenous. The research was based on ethnographic methodology, being conducted from 2009 to 2018, collecting reports and witnessing experiences. These practices are described by elucidating them through rituals, myths, drinks, prayers, chants, medicinal plants and practices performed by the Pajés, as well as about the ritual of Torém and the drink made from sour cashew (the mocororó). In this context, the spiritual, healing and enchanting practices maintain an intimate relationship with self-care, being endowed with symbolic meanings and implying as their own forms of constitution.

**Keywords:** Take care of yourself. Tremembé Indians. Practices healing. Delighted.

## 1 INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho evocando os encantados do povo indígena Tremembé, para nos encantar e então darmos continuidade a outras narrativas.

Viemos lá das cachoeiras com a força da natureza. Os encantado nos mandou. Viemos aqui fazer limpeza. Os encantado nos mandou. Viemos aqui fazer limpeza. E não tem rio que eu não atravesse. Não tem caminhe que nós não ande. Não tem pau que eu não arranque, nem tem pedra que eu não quebre. E não tem mal que eu mal eu não cure. Salve nosso pai Tupã. (Música Tremembé do ritual do Torém)<sup>23</sup>

Este povo indígena está localizado na costa oeste do estado do Ceará (região Nordeste do Brasil), as margens do oceano Atlântico, com 25 povoados, em 3 municípios: Itarema, Acaraú e Itapipoca. A pesquisa foi realizada com os indígenas do município de Itarema (distante 220 km de Fortaleza, capital do estado do Ceará). Segundo Leite (2009, p. 402) este grupo ameríndio foi identificado inicialmente como de origem Tupi, porém “Tomaz Pompeu Sobrinho, na sua obra ‘índios Tremembé’, publicada em 1951, fez estudos sobre a língua, a cultura, considerando-os Gê ou Macro-gê [...]. Habitavam o sul do Maranhão, a costa do Piauí, até as margens do Rio Acaraú no Ceará.

Messeder (2012) faz uma descrição da atual situação dos Tremembé onde relata que

A população que estudamos habita a costa noroeste do estado do Ceará. Os Tremembé são reconhecidos oficialmente como população indígena pelo Estado brasileiro e têm um território identificado, mas não ainda demarcado, tendo em vista contestações de ocupantes. Todo conflito está aí, no reconhecimento social e cultural da existência atual dos Tremembé. Um quadro ambíguo e tenso organiza a vida social e política local. Esta população vive espalhada em várias localidades do município de Itarema, situado a cerca de 260 km da capital do estado, Fortaleza. Uma parte considerável das famílias identificadas como sendo Tremembé habitam nas proximidades da sede do distrito de Almofala. Em Almofala, se situa a igreja construída no século XVIII como marco da missão religiosa que catequizou os Tremembé. A dispersão e fragmentação atual resultam de um longo processo histórico feito de oscilações e ambiguidades. (p. 34)

A origem do nome Tremembé vem:

(...) dos ‘tremedaú’, que é uma espécie de córrego de lama movediça, coberto por água escassa. Quando os índios eram perseguidos, entravam nos ‘tremedaú’, e como sabiam afundar na lama, conseguiam sair em outra localidade. Os soldados ou capangas que os perseguiam, porém, não possuindo a mesma destreza, afundavam e morriam. (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007. p.45)

Esse povo é registrado em vários relatos da época colonial do Brasil, sendo chamados de Tremembé, Teremebé, Taramambé, Tramembé, Taramembé, Tramambé e até de Tapuios (POMPEU SOBRINHO, 1951). O grupo ameríndio é conhecido por seu artesanato, pela fabricação do mocororó e pelo seu ritual sagrado, o Torém (que é considerado e chamado pelos adultos de brincadeira dos índios velhos), que

23 Todas as músicas e entrevistas deste trabalho se encontram arquivadas em acervo pessoal e foram realizadas com os índios Tremembé de Almofala, Itarema-CE.

lhes trouxe diferenciação e notoriedade social, e também por suas práticas curativas e de relação com os seres que eles chamam de “encantados”. Entre eles há muitos relatos do que seriam suas práticas curativas ou de encantes, misturando-se também com lugares encantados, como matas, rios e lagos, além de mitos para elucidar o que seriam esses seres chamados “encantados”, que são seres sobrenaturais que explanam as encantarias.

Este trabalho então, elucidará algumas dessas práticas de cura que são realizadas entre os índios Tremembé, como os casos de encantaria, rezas, cânticos e plantas medicinais utilizadas pelos pajés, bem como, acerca do ritual do Torém e da bebida feita a partir do caju azedo (o mocororó) como processo de cura. Associaremos essa práticas ao conceito de Cuidado de si de Michel Foucault (2010; 1985), elucidando a partir de seu primeiro momento, o Socrático-Platônico, que segundo Mendes e Gleyse (2015, p. 513) “é pautado em saberes filosóficos e médicos, destacando-se as ideias de Sócrates, Platão e Hipócrates”.

O trabalho foi realizado em pesquisa etnográfica entre 2009 e 2018, com colhimento de relatos orais, além da vivências experienciadas. Onde a pesquisa etnográfica, para Mattos (2011, p. 51), “[...] Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos [...]”.

Objetivamos que este trabalho possa dar sustentação e abrir horizontes de compreensão sobre os significados simbólicos acerca do conceito de cuidado de si e os indígenas.

De antemão o trabalho traz inicialmente uma pequena descrição do conceito de cuidado de si de Michel Foucault a partir dos livros Hermenêutica do Sujeito (2010) e História da Sexualidade (1985), bem como uma análise a partir do olhar de outros autores, para esclarecer posteriormente as práticas curativas deste povo. Onde perceberemos que as práticas do cuidado de si no momento socrático-platônico estão também relacionadas às técnicas de meditação, preparação e ritos diversos, como forma de cuidar de si e dos outros (MENDES; GLEYSE, 2015).

## 2 COMPREENSÕES SOBRE O CUIDADO DE SI

O conceito de cuidado de si de Michel Foucault é trabalhado na década de 1980, a partir da antiguidade greco-romana até a ascética cristã. Uma noção de subjetividade onde o sujeito forma uma relação consigo mesmo, conhece a si mesmo e relaciona-se consigo mesmo e com os outros. Nesse conceito o sujeito se analisa, observa-se e reconhece-se com prazeres e desejos. Sendo uma noção que nos possibilita (re)pensar a estética da existência. Ressaltamos que Michel Foucault não defende nem uma forma como sendo correta ou errada, ou ainda própria do que seja o cuidado de si, observando-se novos significados ao longo da história e uma variedade de formas utilizadas para caracterizá-lo “de modo que o cuidado de si, de repente e de vez, adotasse novas formas” (2010, p.76).

Segundo Pessoa, Franco e Mendes (2018, p. 68), “o cuidado de si problematiza os usos que se faz do corpo, dos amores e da educação com o intuito de formar um sujeito ético, aquele que governa a si mesmo e as cidades”. Para Mendes e Gleyse (2015) o conceito de Cuidado de si divide-se em três momentos: o socrático-platônico, a idade de ouro (séculos I e II) e séculos IV e V. Onde para cada momento, uma forma de governo produz práticas distintas.

Para Revel (2005), o conceito do cuidado de si na antiguidade clássica não se distingue do cuidado com o outro, pois o cuidado e o governo de si mesmo implicam justamente no governo do outro.

Nesse trabalho, o cuidado de si descrito no momento socrático-platônico tem uma relação mais intensa com as práticas de cura e encantaria percebidas durante as pesquisas com os índios Tremembé. Os outros dois momentos não são foco desse estudo, porém reconhece-se a importância e a necessidade de analisá-los em outros momentos a partir das questões que aqui possam permanecer.

O objetivo desse pensamento greco-romano, é fazer o homem olhar para si mesmo, retornando a si. Cuidar de si é desempenhar sua própria conduta para consigo e com os outros. O momento socrático-platônico, baseia-se em “Alcibiades de Platão” (diálogo entre Alcibiades e Sócrates) para poder explicitá-lo. O sentido desse conceito diz que (2010, p.6): “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”.

Assim, o Cuidado de si é ocupar-se consigo mesmo, indicando uma relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 50). Para Mendes e Gleyse (2015), a atividade do cuidado de si no momento socrático-platônico se identifica como um movimento político, de modo que é através do cuidado de si que se promove o cuidado com o outro, através não de receitas impostas, mas sim, de práticas de liberdade.

Foucault encontra neste pensamento outra figura de sujeito como possibilidade de existência, com outros mundos e outras realidades, não mais marcadas por um código restrito, mas pela arte de viver. O cuidar de si é um pensamento que resiste ao poder, aproximando assim, o sujeito de si mesmo, concebendo resistência através das diferenças, marcado inicialmente pelo uso dos prazeres.

Desse agrupamento de reflexões de Foucault inicia-se a possibilidade de uma nova composição de si mesmo, desdobrando-se em variados contextos e com significados polissêmicos; entre eles a família, o corpo, valores... Rodeado de uma gama de significações de aspectos sociais de como cada um pode cuidar de si mesmo. O Cuidado de si é prática de vida, e envolve práticas de alimentação, de vestuário, de educação, e linguagem como modos de vida próprio num exercício contínuo de relacionar-se com o mundo e com os outros. Sendo primeiramente atitude de estar no mundo e conhecer-se a si mesmo exercitando a busca de uma transformação.

### 3 PRÁTICAS DE CURA E ENCANTARIA DOS ÍNDIOS TREMEMBÉ E A RELAÇÃO COM O CUIDADO DE SI

Entre os Tremembé há várias práticas as quais podemos associar ao conceito de cuidado de si instituído por Foucault (2010), porém neste trabalho daremos ênfase as práticas rituais e de cura. As práticas de cuidado de si entre os Tremembé envolvem uma atenção diária, recheada de exercícios, práticas e formas, entre eles os rituais do Torém na escola, as práticas curativas pelos pajés e o consumo do mocororó.

São dados ênfase nestes processos aos pajés (homens e mulheres), que são bastante requisitados para realização dos trabalhos de cura gozando de respaldo, sendo pessoas mais velhas e experientes, com vasto conhecimento tradicional, onde esses vão repassando seus saberes dos mais velhos para os mais novos. Para isto, fazemos um paralelo em Foucault (2010) com o conceito de Cuidado de si que aparece como uma teia de relações sociais, sendo um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida. O cuidado de si durante toda a vida denomina-se como uma razão de formação do sujeito, durante a juventude para preparar-se para a velhice.

Essa atividade de ter cuidados com a própria alma deve ser praticada em todos os momentos da vida, quando se é jovem e quando se é velho. Entretanto, com duas funções diferentes: quando se é jovem trata-se de preparar-se para a vida, armazena-se, equipar-se para a existência; e no caso da velhice, filosofar é rejuvenescer, isto é, voltar no tempo ou, pelo menos, desprender-se dele, e isso graças a uma atividade de memorização que, para os epicuristas, é a rememoração dos momentos passados. (FOUCAULT, 2010, p. 80-81)

Os rituais de cura fazem parte da cultura Tremembé, associados a processos étnicos e também de dons vocacionais, dando-se através de rezas, cânticos e plantas medicinais (dos quais são feitos lambedores, pílulas e xaropes). Os pajés gozam de prestígio nesse processo pois são tão procurados quanto a medicina tradicional.

É uma coisa bem cultural que a gente faz que é dom. E a gente é satisfeita com isso. Isso é lazer, porque a pessoa se sente bem. Dá prazer. É diversão, é ajuda, é contribuição, é solidariedade, é cura, vez de médico. Ajuda as pessoas. É continuidade da vida. [...] Porque as pessoa se sente bem. Dá prazer. Porque a pessoa tá sacrificado, doente, aí quando se sente bom, pra mim é um tipo de lazer, porque a gente se sente muito bem com isso. (Luis Manoel do Nascimento – Pajé Luís Caboclo).

Esse processos são associados a espiritualidade Tremembé, a qual Fernandes (2015) nos chama a atenção que

[...] será preciso abordarmos uma noção de suma importância para os Tremembé: a de encante. [...] Trata-se da noção de que algumas pessoas encantam-se, ou seja, por algum motivo, passam a viver em uma outra dimensão, a encantada. Essa outra dimensão não é acessível aos que ficam, embora tenham alguns locais em que esses mundos aproximam-se, e podem ser admirados por pessoas que tenham a capacidade de vê-los. (p. 54-55)

São diversos termos que os Tremembé utilizam para se referir aos seus rituais, como rezas, macumbas, tundá, trabalhos de mesa, trabalhos de encarne e trabalhos

## “OS ENCANTADO NOS MANDÔ, VIEMO AQUI FAZER LIMPEZA”: PRÁTICAS DE CURA E ENCANTARIA ENTRE OS ÍNDIOS TREMEMBÉ E O CUIDADO DE SI

de encantados. As descrições sobre os casos de encantaria, envolvem uma incorporação de entidades. Nos trabalhos de encarne os personagens são em geral, princesas, príncipes e fadas permeados por símbolos que nos permitem considerar e entender sobre o modo como os Tremembé estabelecem um cosmos sagrado.

Na umbanda é cura. Os caboco concentra em mim, e aí cura a pessoa. Usa remédio. Usa os remédios que eles dizem, que árvore é, que num é. Eu trabalho com um bocado de princípio e princesa, mas quem me ensina os remédio é os encantado. Eu trabalho só com aquele povo encantado. Também eu tenho alguma corrente que é só de espiritismo, só de isprito. Que quando morre alguma pessoa que é conhecido meu, me chama né, assim.” (Maria Alves de Sousa—Maria Bela, 68 anos. Rezadeira)

Os Tremembé recorrem aos trabalhos curativos realizados pelos pajé para a cura das aflições do dia a dia (conjugaís ou financeiros) ou relacionadas a problemas de saúde. Nos remetendo ao cuidado voltado a si.

É preciso relembrar que na cultura de si o cuidado médico refere-se à atenção e ao cuidado com o corpo e que para esse cuidado era indispensável a atenção com os mal-estares e com as perturbações que podiam circundar corpo e alma. Neste sentido, Foucault acentua a importância do cuidado de si ser significativo e valoroso para o sujeito, e para isso precisa de um equilíbrio entre as coisas da alma e o que pertence ao corpo, pois um está conectada com o outro. Assim, “os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar seus malestares: lá onde os maus hábitos da alma podem levar a misérias físicas enquanto que os excessos do corpo manifestam e sustentam as falhas da alma” (FOUCAULT, 1985, p.62 apud BOLSONI, 2012, p.10).

Alguns desses trabalhos precisam “incorporar em alguém” para fazer desenvolver a possibilidade de exercerem a cura e limpeza. Faz-se aqui um paralelo com o cuidado de si de Foucault (2010) com o reconhecimento do divino no próprio eu, como sendo um cuidado com a espiritualidade.

As pessoas que vem pra eu rezar. A pessoa reza. Faz toda aquela coisa. Tenho remédio, píula. Que tudo isso é o segredo. Por isso que a gente é mestre, por conta disso. Porque tudo tem um segredo. Essas píulas que eu faço, ela eu só faço uma vez no ano. Só tem dia no ano que eu faço porque feito naquele dia ela cura quatorze qualidade de doença. Aí é um segredo. A gente faz laços espirituais quando as pessoas morrem, cordão eu faço. Tem palavras e etc. É uma coisa bem cultural que é dom. E a gente é satisfeita com isso. Porque tem momento que a gente obra milagre.” (Luis Manoel do Nascimento – Pajé Luís Caboclo).

Suas práticas de cura e encantaria envolvem seres encantados, que eles relatam “serem pessoas que foram encantadas desde o começo do mundo”, ou como traz a fala do Cacique João Venâncio: “são os nossos antepassados que morrem, que se vão. Que pra gente eles não morrem, eles se encantam. E que sempre eles tão onde a gente tá. Em determinados momentos principalmente no ritual sagrado (o Torém), eles estão nos fortalecendo, nos ajudam. É um consagramento muito mais além do que a gente pensa”. Gondim (2011) inda nos traz que os encantados são seres sobrenaturais que permeiam o universo cosmológico dos Tremembé; como seus antepassados ou outros seres quem relatam como a botija, meninos vaseiros, lobisomens, bruxas, a mãe d’água (cobra),

o assobiador, siris encantados, ou o curupira e o caipora (ou surrupira) que vivem nas matas, e o guajara, entidade mítica que protege os manguezais (SANTOS, 2014).

Para o povo Tremembé o manguezal, o rio e o mar são entes vivos protegidos por encantados” (PEREIRA, 2010, p. 36). Conforme Gondim (2015) as narrativas acerca dos encantados estão cheias de histórias sobre animais e pessoas que, de repente, tornam-se invisíveis ou transmutam-se de uma coisa em outra. Assim, a natureza dos corpos, para os Tremembé, não é algo dado e imutável. “Os corpos de humanos e animais e os objetos, de uma forma geral, podem se transformar” (p. 3). Laçam mão para estes rituais através dos “encantados”, que como afirma o Pajé Luís Caboclo “não é o espírito de um humano que morreu”, “mas fazem parte dos encantos da natureza presente no território étnico” (BRISSAC, 2012, p.3).

Os índios advertem que os rios, os córregos, as lagoas, a chuva e o mar não se encontram submetidos aos desejos humanos e, por isso, nos falam da existência de seres divinos que interferem nas ações dos homens sobre o meio ambiente. Ao longo de minha convivência com os Tremembé, ouvi e registrei depoimentos sobre seres encantados que atuam como guardiões da natureza. Um deles, conhecido como Guajara, mora no mangue. Apesar de invisível, manifesta-se em forma humana ou animal. É deveras dissimulado e intimida as pessoas de diversas maneiras. Costuma interferir nas ações humanas sobre o meio ambiente, persegue os pescadores e impede que a pesca se realize. Às vezes propõe-se a ajudá-los e aponta alternativas para certas situações. Não é prudente ignorar seus ensinamentos e desobedecê-lo. O Guajara não aceita ser contrariado, agindo com rigor e penalizando quem ousa afrontá-lo.” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006, p. 152 apud BRISSAC, 2012, p.3).

Temos, ainda, o atual investimento entre os Tremembé em explicar a dimensão espiritual, curativa e do seu reconhecimento étnico e identitário através do Torém, além de ser o momento sagrado de fortalecimento através do encontro com a ancestralidade colocando-se em contato com os encantados. O ritual é atribuído a processos de curas espirituais e corporal dos participantes. O ritual traz uma polissemia de significados relacionando-se ao sentido individual ou grupal que os participantes o atribuem naquele momento. O Torém, que ao longo de seu processo de organização e mobilização étnica, tem sido para os Tremembé o seu principal sinal diacrítico, referência de singularidade. Entre essa etnia o ritual é visto também como um elo de união com as gerações passadas e uma ponte de integração com os encantados.

Este é realizado em roda com os participantes de braços dados, dirigida pelo cacique João Venâncio que bate o pé com um pancada forte no chão, comandando os dançarinos, que são homens e mulheres. Esses movimentos são marcados sonoramente por um maracá. No centro do círculo, fica uma bacia com o mocororó, bebida alucinógena feita de aguardente de caju azedo, que é servido aos participantes. Também no centro ficam um ou dois dançarinos, os torenzeiros, que dançam por meio de passos compassados e alguns razoavelmente estilizados. É uma dança mimética sobre frutos e animais nativos, como o guaxinim, a tainha e o caju, onde são cantados versos e refrões em vocábulos de origem indígena e em português. “O Torém tem muito a ver com a força maior

## “OS ENCANTADO NOS MANDÔ, VIEMO AQUI FAZER LIMPEZA”: PRÁTICAS DE CURA E ENCANTARIA ENTRE OS ÍNDIOS TREMEMBÉ E O CUIDADO DE SI

da espiritualidade dos encantados. É no momento do Torém, quando você consagra mesmo pra determinados momentos.” (fala do Cacique. Entrevista, outubro de 2013 disponível em OLIVEIRA, 2015, p. 111).

Para os Tremembé essa relação simbólica que engloba o Torém, a espiritualidade e os encantados têm um limiar muito tênue. Se agregam ao passo que os mesmos descrevem inclusive situações de incorporação dos encantados, como vemos a seguir em 2 depoimentos.

Quando a gente dança o Torém a gente se concentra bastante. Ali é um momento de concentração. Então é pra ser um momento de energias positivas, naquela hora. Porque ele atrai tanto energias positivas, quantos negativas. Se você não tiver bem concentrado você acaba incorporando alguma coisa em você. (Janiel Marques)

Quando você tá no Torém, aquela espiritualidade, os encantados, chega perto de você, cabe a você lidar com eles. Cabe a você aguentar eles. Quem não aguenta cai mesmo. Se você não se aguentar na espiritualidade, você cai. Num tem perigo. Já vi pessoalmente pessoa que num se aguenta e cai mesmo. Tem que se aguentar é muito forte. Teve uma vez lá em Aquiraz, que eu puxei um Torém lá, que eu senti, ela entrou né, mas eu não controlei, foi a única. Eu cantei música que eu não me recordo qual é a música mais. Não é que eu me esqueci, é porque não era eu cantando. Eu não me lembro. O Torém é muito forte. (Albino Marques)

O Torém é conferido pelos Tremembé como sagrado, assim como aponta a índia Maria de Jesus Sobrinho: “É uma dança, é o ritual sagrado. É uma alimentação dos índios Tremembé. Se você não come, você não sobrevive. Do mesmo jeito é o Torém. É uma vida”. Para estes aspectos de sacralidade, Messeder (2012) já afirmava que “no discurso de abertura o cacique, que comandava a cerimônia, não deixa dúvida quanto ao caráter sagrado da reunião e fala claramente de ritual e de cultura” (p.34). Coadunamos a afirmação do autor com uma das falas colhidas durante a pesquisa.

O Torém pra gente é uma dança sagrada. Que pra gente ela serve de reza, serve de cura. É um ritual aprimorado pela gente que a gente tem muito apego, muita apegiação. Porque o Torém pra gente ele é sagrado. [...] No nosso ritual sagrado tem a passagem que a gente chama pra purificar a presença ritual dos nossos mestres, dos nossos guias, do nosso pai Tupã. A gente tem uma passagem que a gente chama pra o cuiambá. O que é isso? É chamando pra gente beber aquele vinho que está ali naquela roda. Que é pra purificar a presença do nosso pai Tupã no momento que a gente tá fazendo o ritual. Então é um símbolo que é pra purificar, consagrar entre a gente. [...] Descarrega tudo de ruim que tem ali naquele momento. (Cacique João Venâncio)

A respeito da bebida que usada durante o ritual, o mocororó, destaco que a bebida é atribuída, segundo Oliveira (2015), ao seu potencial curativo, de purificação do corpo e do espírito, no contexto de compreensão do Torém como um ritual sagrado.

O mocororó faz parte da dança do Torém porque como o padre tem o vinho pra beber, pra purificar, o mocororó seria um vinho, seria não, é como o vinho do caju, entendeu? O mocororó na verdade pra nós é tipo um remédio, sabe? Hoje em dia tem essa caracterização. Uma forma de remédio pra purificação interior. Porque quem dança o Torém, quem tá na roda de Torém tem que beber o mocororó. Geralmente os filhos da terra tem que

beber porque é uma forma de purificação mesmo. Com os meninos na escola o mocororó não é utilizado porque ele é uma bebida forte apesar dela não ter álcool, tipo o vinho o vinho não tem álcool, mas embebida. O mocororó fica bêbado, você não coloca álcool dentro - Professor J. Entrevista, março de 2015. (OLIVEIRA, 2015, p. 91).

A descrição e análise dessas práticas rituais, de cura e de encantes abrem portas para a compreensão de um universo mitológico e simbólico sobre o conhecimento de si, visto que engloba processos de reconhecimento identitário entre o grupo; captado através de suas mimesis pelos práticas e mitos que também atribuem significação conjunta a conhecimentos que lhes são próprios. E os quais abarcam diversas manifestações para se conceber as ações cotidianas que são práticas entre os Tremembé para os cuidados de si mesmo e dos outros.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco aqui as práticas de cuidado de si entre o povo indígena Tremembé afirmam certo modos de práticas religiosas e ritualísticas com funções terapêuticas, curativas e sobrenaturais; onde desvelamos dar significados simbólicos; expressados através das narrativas orais aqui expostas e que nos colocam frente a discursos étnicos e identitários como símbolos de diferenciação frente à sociedade em que vivemos constituindo uma forma de cosmovisão.

Os aspectos espirituais se aproximam com o cuidado de si na medida que as práticas são utilizadas, tanto para abordar o autocuidado, como na questão do cuidado com o outro, elencando o modo em que se governam em comunidade, agregando a autodenominação da identidade indígena, e da evocação dos seus antepassados com uma espécie de ritualidade sagrada.

O cuidado de si é revelado enquanto sujeitos da ação em variadas e complexas ações através do cuidado consigo mesmo e com os outros. Neste contexto, as práticas de cura e encantaria mantêm uma íntima relação com o cuidado de si, que são dotados de significados culturais, sociais e étnicos, por implicarem-se como formas próprias de se constituírem.

A percepção desta experiência desvelada e vivida com o sagrado Tremembé, elencada nas práticas de cura e encantaria descritas nos fazem (re)pensar que elas nos trazem significações que transpõem nosso imaginário. Assim, o conhecimento sobre estas práticas, bem como, os conhecimentos acerca da cultura Tremembé, nos trazem sentidos sensíveis que ampliam as possibilidades de saberes sobre a espiritualidade através de uma narrativa etnográfica.

## REFERÊNCIAS

BOLSONI, Betania Vicensi. O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul- ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul, 2012.

BRISSAC, Sérgio Góes Telles. **Os encantes e a cura:** os Tremembé e suas concepções sobre a ação dos encantados na

**“OS ENCANTADO NOS MANDÔ, VIEMO AQUI FAZER LIMPEZA”: PRÁTICAS DE CURA E ENCANTARIA ENTRE OS ÍNDIOS TREMEMBÉ E O CUIDADO DE SI**

---

cura espiritual. Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, SP, Brasil. 2012.

FERNANDES, Janaina Ferreira. **Paisagens do Nordeste:** Almofala dos Tremembé e os Tremembé de Almofala. 118 f. Dissertação (Mestrado em antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

. **História da sexualidade:** o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, Alexandre, VIEIRA, João Paulo & MUNIZ, Juliana. **Povos indígenas do Ceará:** Organização, memória e luta. Fortaleza, Ceará: Editora e gráfica Ribeiro's, 2007.

GONDIM, Juliana Monteiro. “**Não tem caminho que eu não ande e nem tem mal que eu não cure**”: narrativas e práticas rituais das Pajés Tremembés. 173 f. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2011.

. Cosmologia e ação política: uma análise sobre os encantados entre os Tremembé de Almofala. **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XIV Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste (ABANNE),** 2015.

LEITE, Maria Amélia. Resistência Tremembé no Ceará – Depoimentos e Vivências. IN: PALIOT, Estêvão Martins. [org.]. **Na mata do sabiá:** contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de.; CASTRO, Paula Almeida de. (orgs.). **Etnografia e educação:** conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa.; Gleyse Jacques. **O cuidado de si em Michel Foucault:** reflexões para a educação física. Movimento. 2015; 20(esp): 507-520.

MESSEDER, Marcos Luciano Lopes. Etnicidade e ritual Tremembé: construção da memória e lógica cultural. **Revista de Ciências Sociais,** Fortaleza, v. 43, n. 2, jul/dez, 2012, p. 32 - 42 37 Dossiê: Discurso étnico, lógica cultural e interpretação da tradição.

OLIVEIRA, Renata Lopes. **O Torém como lugar de memória e de formação da educação escolar diferenciada indígena Tremembé.** 151f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2015.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **ANINHÁ**

**VAGURETÊ:** reflexões simbólicas para a Educação Física no ritual do Torém dos índios Tremembé. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Natal, 2019.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas de lazer e trabalho do povo indígena Tremembé de Almofala-CE.** 109 f. Monografia (Graduação em Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará. Fortaleza, 2010.

PESSOA, Kaline Lígia Estevam de Carvalho.; FRANCO, Marcelo Alves.; MENDES, Maria Isabel Brandão de Sousa.; “No pain, no gain” e a produção de subjetividades pela renúncia de si. **Revista brasileira de Ciências e Movimento.** 2018; 26(3):63-74.

POMPEU SOBRINHO, Tomaz. Índios Tremembé. **Revista Inst. Ceará.** Fortaleza, 65, Ed. Inst. Ceará, 1951.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Maria Andreína dos. **Os encantados e seus encantos:** narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados. Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.